



## Homenagem

### Vítimas de uma outra ditadura

Mais de 50 cidadãos portugueses perderam a vida durante a Guerra Civil de Espanha. Vão ser homenageados amanhã em Monção. A placa que vai ser descerrada lembra os nomes dos homens e mulheres abatidos pelo franquismo.

» *Carlos Calaveiras*

Espanha, 29 de Dezembro de 1936. O português Telmo Freitas Lima, de 39 anos, é fuzilado junto aos muros do cemitério de Pereiró, em Vigo, depois de ter sido condenado por adesão à rebelião. Trabalhador da construção civil, natural de Paredes de Coura, vivia perto de Pontevedra e foi uma das vítimas portuguesas da Guerra Civil de Espanha.

O projecto "Nomes e Vozes", que está a ser ultimado pela Universidade de Santiago de Compostela, já confirmou, através de documentos das autoridades espanholas da época, que morreram mais

de 50 cidadãos portugueses às mãos do franquismo só na Galiza. O estudo ainda não terminou, mas o historiador Fernando Rosas refere que há muito mais vítimas nesta região espanhola e também noutras regiões, especialmente nas Astúrias e na Andaluzia.

"O projecto de investigação está em curso na Galiza, mas há necessidade de haver projectos semelhantes noutras zonas sensíveis do Estado espanhol, onde havia muitos portugueses e onde, seguramente, haverá muitos mais que foram assassinados", conta Fernando Rosas à **Renascença**.

"O número de portugueses executados pelas autoridades franquistas é maior - e é maior mesmo na Galiza -, porque estes são os que as autoridades espanholas identificam nos documentos como sendo portugueses, mas há muitos que estão espanholados e passam", refere.

O director do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa recorda que estes portugueses "não são exilados políticos". "São pessoas que trabalhavam lá, que por vezes tinham constituído família e que estavam filiados em sindicatos ou em partidos políticos de esquerda e que, quando vem o golpe militar franquista, são presos por causa disso e passados pelas armas".

#### Abatidos longe da vista

Os homens compõem a maioria das vítimas, mas há também quatro mulheres assassinadas. As idades são muito díspares. "Gente mandada matar há desde os 17 aos 70 anos", afirma Fernando Rosas. Alguns foram presos e condenados antes de serem mortos, mas outros foram "passeados", ou seja, levados dos empregos ou das habitações e sumariamente abatidos longe da



OK

vista.

Além do activismo político em Espanha, o que faziam estes portugueses? "Todos os portugueses recenseados viviam na Galiza" e trabalhavam, por exemplo, "no assentamento da linha férrea". "Alguns eram pequenos proprietários, comerciantes, vendedores ambulantes, estivadores, alguns tinham casado lá e lá estavam a ganhar a vida", precisa o historiador.

É precisamente para lembrar as mais de 50 vítimas portuguesas confirmadas do franquismo que, este sábado, vai decorrer em Monção uma homenagem, a partir das 15h00. A cerimónia vai decorrer junto à ponte de Monção, sítio simbólico onde, na altura, a PIDE, a polícia política portuguesa, "devolvia para Espanha os espanhóis refugiados para ali serem fuzilados".

Fernando Rosas diz que vai ser "descerrada uma placa com todos os nomes dos portugueses que foram reconhecidamente identificados como tendo sido executados pelas autoridades do franquismo". Na cerimónia, além do próprio Fernando Rosas, vão estar também Mário Soares - como "símbolo de uma época de resistência à ditadura" -, o reitor da Universidade do Minho, António Cunha, e o presidente da Câmara, José Emílio Moreira.

#### Enquadramento histórico

A coligação Frente Popular, de esquerda, tinha vencido as eleições em Espanha, mas, em Julho de 1936, um grupo de militares de direita, comandados pelo general Franco, avançou e controlou algumas regiões do país. Começou então uma guerra civil, que durou até 1939, ano da vitória do franquismo, ditadura que governou Espanha até 1976.